

HENRIQUE CABAN

Entrevistadores: Carla Siqueira e Caio Barretto Briso

Data: 29/07/2008

Qual o seu nome completo, local e data de nascimento?

Henrique Caban. Nasci em 24 de novembro de 1940, na Praça Onze, Rio de Janeiro.

Quais eram os nomes e as atividades de seus pais?

Meu pai, Isaac Caban, era barbeiro e minha mãe era costureira nesses primeiros anos e depois do lar, como chamam.

E qual era o nome dela?

Sara Roiberg. Ela trabalhava de quando eu nasci até os cinco anos. Meu pai estava preso na Ilha Grande. Quando ele foi solto com a anistia, a gente recomeçou a reconstruir a vida.

A militância do seu pai teve influência na sua vida?

Muito. Tanto que uma vez me perguntaram: "mas quem te recrutou"? Eu disse: "ninguém. Eu nasci recrutado".

Conta como era. Seu pai era do Partido Comunista?

Meu pai era do Partido Comunista vindo da Polônia, já. Foi para o Uruguai e de lá ele recebeu uma tarefa de montar uma barbearia em Livramento, por onde era a passagem do pessoal para o Uruguai ou a volta. Ele acabou expulso do Uruguai e foi para São Paulo. Em São Paulo, em 1937, ele foi preso e o Partido mandou, então, ele para o Rio, onde ele foi preso em 1940.

Sua militância, então, começa do berço?

Começa do berço. A minha primeira prisão eu tinha 14 anos. No dia que o [Marechal] Lott deu o contragolpe, eu estava na Central [do Brasil] fazendo um comício contra a declaração do Estado de Sítio, já declarado àquela altura.

Você participou de organizações estudantis?

Particpei. Fui diretor da AMES [Associação Metropolitana de Estudantes Secundaristas] e participei da UNE [União Nacional dos Estudantes]. Fiquei sempre dentro de organizações. Tanto que quando eu fui para jornal, naquela época o movimento estudantil era uma coisa muito importante, a primeira tarefa que eu tive foi cobrir o movimento estudantil.

Isso na [no jornal] *Última Hora*?

Na *Última Hora*.

Você como militante estudantil você participou das greves dos bondes, daquelas coisas todas?

Greve dos bondes. Quebramos o primeiro bonde. Eu era da Escola Técnica e fomos quebrá-lo na Praça da Bandeira. Depois, participamos de uma greve de ônibus que os motoristas foram lá para dentro da UNE. E na segunda greve dos bondes eu já estava cobrindo pela *Última Hora*.

E o que te levou para o jornalismo? Essa militância tem a ver com isso?

Eu sempre gostei muito. Eu inclusive fazia o jornal da AMES, *A Farpa*. E um dia apareceu no prédio da UNE um repórter chamado Pinheiro Júnior, que tinha acabado de fazer uma série de reportagens de muito sucesso que tinham marcado muito a *Última Hora*, chamada Juventude Transviada. Ele apareceu lá - eu não sei quem mandou ele ir me procurar - conversou comigo e me disse que o Samuel queria fazer uma série chamada O Outro lado da Juventude, com estudante e tal. Eu ajudei muito, e no fim ele me perguntou: "você não quer ir estagiar lá na *Última Hora*"? Aí fui. Estava às vésperas de servir o Exército, mas eu servi o Exército e trabalhei na *Última Hora* ao mesmo tempo.

A sua relação com *O Globo* começa desde jovem, ali nas proximidades do jornal, não é?

Na realidade, o capitão Luís Paulo fazia a gente correr. A gente ia lá pegar roda de bilha para fazer carrinho e descer a Igreja de Santana. Naquela época as bobinas vinham com umas rodinhas de bilha que gastavam no centro, mas eram ótimas para fazer carrinhos de rolimã. Eu era vizinho de tudo. Quando garoto, freqüentei

muito mais a *Última Hora*, que era ali em frente ao prédio Balança Mas Não Cai, no centro, onde hoje é a garagem do Metrô. E eu vivia muito com meus avós, que iam numa sinagoga ao lado da *Última Hora*. *O Dia* era na rua Larga, atual Marechal Floriano, e *O Globo* só veio para ali em 1955, 1956. Nessa época, eu já não andava muito por ali. Morava ainda na Praça Onze, mas não andava muito por ali, não.

Como era o Rio de Janeiro dessa época?

A Praça Onze era um gueto. Como foi o Bom Retiro, em São Paulo. Havia os clubes israelitas, sinagogas, devia ter umas oito sinagogas por ali. Foi onde se instalaram as polacas, famosas, que vieram também pela prostituição. O desejo do judeu ali era melhorar e ir embora daquele negócio. Isso era uma coisa lógica, porque é muito coisa de imigração. As pessoas chegavam no [Cais do] Porto e o primeiro ponto que encontravam era a Praça Onze. Aí foi uma coisa legal. Furar lona de circo para entrar, tinha muito circo por ali, e andar pela rua...

E como você foi fazer Direito?

Porque eu queria. Era o que a minha mãe menos queria na vida, mas eu não agüentava Escola Técnica. Eu não fazia um cilindro redondo, eu fazia todos quadrados. Mas para o judeu imigrante, o filho só tinha duas carreiras, medicina e engenharia. Porque ele estava esperando a qualquer momento fugir outra vez. Então, eram duas profissões, vamos dizer, universais. Tanto que o mercado imobiliário acabou dominado por eles por causa disso. O filho se formava e ele imediatamente abria uma incorporadora imobiliária.

Caban, você teve envolvimento com jornais estudantis?

Mais *A Farpa*. Eu nunca atuei diretamente no *Metropolitano* [também do movimento secundarista].

E os jornais comunistas? Você teve relação com eles?

Eu trabalhei pouquíssimo tempo como estagiário na *Imprensa Popular* e no *Notícias de Hoje*, pelo tempo durou um mês e meio, mais ou menos, na campanha do Lott.

Como era a *Imprensa Popular*?

A *Imprensa Popular* era um jornal bastante estável. Estava situado ali atrás da Praça Tiradentes. Tinha máquina, tinha tudo, mas era um jornal muito sectário. Eu trabalhei lá como estagiário. Aliás, a maioria era estagiário.

A *Imprensa Popular* conseguia chegar nos segmentos populares ou ficava só na militância?

Não, a *Imprensa Popular* era vendida em bancas. Quem comprava era comunista, porque ela era tão pesadona. Ela não tinha, como se diz, um apelo popular. Era um jornal muito mais intelectual que um jornal popular.

Seu pai lia que jornal?

Meu pai não lia em português. Meu pai lia em oito idiomas, lia tudo em hebraico, em iídiche ou em polonês. Ele freqüentava muito a biblioteca pública, que era na Praça Onze mesmo. Eles tinham uma grande biblioteca em iídiche e em hebraico, sendo que hebraico deve ser a língua mais traduzida do mundo. Quer dizer, eu até me surpreendi naquela época, porque Graciliano Ramos, Jorge Amado, Machado de Assis, tudo isso estava em hebraico, estavam todos eles traduzidos.

E tinha jornais em iídiche e em hebraico?

Tinha. *Nossa Voz*. Foi fechado em 1964.

Por que foi fechado?

Era o jornal da esquerda judaica e tinha o jornal *Israelita*. Depois, mais recente, o Moisés Fuc fez o *Menorah*. Tentaram fazer algumas outras revistas, mas o jornal que ele lia era o *Nossa Voz*, que no dia 2 de abril foi fechado.

E esses jornais tinham repercussão na comunidade?

Tinham, porque a comunidade, em função de ser grandemente fugida da Guerra, ela praticamente sustentava a esquerda. Ela dava dinheiro para essas ligas antifascistas, essas coisas todas eram sustentadas pela comunidade. Mas tinha uma burrice típica de brasileiro. Os caras eram, na maioria deles, vendedores de prestação, mascates. Na minha casa, quando o meu pai foi solto, a gente começou a alugar os outros quartos. A gente morava só num quarto. Mas, à medida que as pessoas iam saindo dos quartos, meu pai alugava um quarto. No fim, foi morar com a gente um alemão meio surdo, lá nos quartos dos fundos, que vendia à prestação. Eu me surpreendi quando ele morreu, porque deixou lá um negócio no quarto dele para eu ver, porque eu queria... eu vi. Esse cara era professor de alta matemática na Universidade de Berlim, mas como não falava português correto, a legislação brasileira proibia ele de lecionar. Nisso, os russos e os americanos levaram todos.

Como era essa *Última Hora* para a qual você entrou?

Ah, um jornal popular, uma camaradagem interna muito grande, pagando salário mínimo. Naquela época, o salário mínimo de jornalista era tão baixo que um dia o Juscelino aumentou salário mínimo geral para nove e seiscentos e a *Última Hora* teve que ir correndo dar dez e oitocentos para os auxiliares, porque eles ganhavam oito e oitocentos ainda. E comecei cobrindo jornalismo depois da campanha do Lacerda. Eu fui cobrir o Lacerda como o cara da oposição. Fugi muito de guarda-chuva, do que a gente chamava de "mal amadas" e aprendi muito. Quer dizer, a *Última Hora* era uma escola. Não pagava bem, mas ensinava muito.

E com quem você aprendeu lá?

Haroldo Wall, que em 1964 também fugiu e foi para Cuba. Ele morreu uns três anos atrás, em Cuba. Foi ser chefe da *Prensa Latina*, lá. Moacyr Werneck, Pinheiro Júnior, Amado Ribeiro, que era a estrela do jornalismo policial da *Última Hora*, Néelson Rodrigues, que a gente conversava muito, Otávio Malta, João Saldanha. Essa gente toda freqüentava a redação. Apesar de colunistas, eles iam escrever na redação. Eles não mandavam o artigo. Quem mais mandava o artigo, mas mesmo assim ia à redação, às vezes, era o Antônio Maria e Adalgisa Néri. Então, essa gente freqüentava a redação.

E como você descreveria o Wainer?

Ele era um gênio, quer dizer, um sujeito com uma capacidade de perceber a notícia, mas nenhuma capacidade de organizar uma empresa. Ele não tinha regras para gastar, não tinha políticas para isso. O negócio dele era um borderô de quanto a *Última Hora* estava vendendo. E ele era, naquela época, quem poderia financiar novas instalações para a *Última Hora*. Ele era um sujeito que vinha numa arrancada muito forte. O Chateaubriand e o Roberto Marinho começaram a fazer campanha contra ele nos seus jornais, até que ele conseguiu a *Última Hora* e deu-se aquela briga toda. A *Última Hora* só sobreviveu porque quando o Wainer foi preso e houve intervenção na Érica, que era a editora que editava a *Última Hora*, o Lutero Vargas já tinha vendido a *Rádio Clube*, que era dele, e já tinha montado uma máquina na Sotero Reis. Aí, então, imediatamente foi para lá e começou a rodar lá daquele lado. E tinha uma coisa interessante. Ele não era nem governo e nem oposição. Ele era governo, sendo oposição a alguma secretarias. E também ao contrário, mas a relação política com o jornal era muito diferente. O Hélio Silva, naquele [livro] *Um tiro no coração*, tem umas coisas muito interessantes, uns documentos interessantes, que são as cartas que o Getúlio mandava para o Samuel, reclamando que a *Última Hora* estava muito governista. Tem uma que diz: "você não trataram devidamente o aumento do preço da carne, que foi um absurdo." Ele

queria um jornal popular, para apoiá-lo nas eleições, mas um jornal não entregue a essa coisa de fazer o quisesse, como fez o Chagas Freitas. O Chagas Freitas, na realidade, tomou do Adhemar [de Barros] o jornal. Dizem que na hora que o Chagas apresentou *O Dia* como um jornal rico e *A Notícia* como um jornal quebrado, o Adhemar disse para o Chagas: "você me apóia politicamente?". O Chagas disse: "apóio". "Então fica com o jornal". Era jornal de partido nessa época. Tem essa diferença de hoje.

Você acha que a *Última Hora* e *O Dia*, que aparecem mais ou menos na mesma época, representam uma percepção de alguns políticos, no caso, Vargas e Chagas Freitas, de que o jornal podia ter uma função política para eles?

Eu acho que a percepção é bem anterior. Os jornais anteriores, a *Gazeta de Notícias*, o *Diário de Notícias*, isso tudo, eram jornais de partido. Não entrava para trabalhar em *O Globo* um jovem de esquerda. Não tinha essa. A não ser que estivesse perseguido pela polícia. Era uma característica do Roberto Marinho. Aí ele dava emprego. Em 1964, tem uma frase dele para o Juraci Magalhães: "nos meus comunistas ninguém mexe". De qualquer maneira, eram jornais de partido mesmo.

Você acha que a *Última Hora* e *O Dia* conseguem chegar mais no povão?

Chegam. Mas tinham outros jornais em outros momentos. *O Radical* foi um jornal popular. O jornal do pai do Néelson Rodrigues...

***A Manhã* ou *A Crítica*?**

A Crítica foi um jornal popular. *A Manhã* era um jornal meio de esquerda, também porque o Barão de Itararé [Aparício Torelli], quando saiu da *Última Hora*, fez o suplemento *A Manhã* no *A Manhã*.

Nesses jornais, então, que eram tão partidários, você, como repórter, recebeu algum tipo de orientação quando você ia fazer uma cobertura?

Não precisava, porque eu pensava como o jornal. E a mesma coisa que acontecia com *O Globo*, acontecia com o *Diário de Notícias*. O primeiro jornal que tenta dar um aspecto de isenção é o *Jornal do Brasil*, na reforma. Muitas vezes se disse assim: "mas pega a história do *Jornal do Brasil*". Vê os editoriais do *Jornal do Brasil* e vê os de *O Globo*. É tudo a mesma coisa, não tem muita diferença. Na cola dele, com isso, veio o *Correio da Manhã*, que também, era jornal partidário, pedia a queda do Jango. O famoso "Basta!", "Chega!", "Fora!" [Na verdade: "Basta!" "Fora!" E "Basta! e fora!"].

Você entrou na *Última Hora* em que ano?

Eu entrei em 1959, servindo o Exército e fui admitido, eu ganhava um pró-labore, em junho de 1960, quando saí do Exército.

Então, quer dizer, a crise do governo Getúlio, que leva ao suicídio, é anterior à sua entrada no jornal?

Ah, é. O Getúlio se suicidou quando eu tinha treze anos.

Mas, você se lembra da confusão toda, do que saiu nos jornais? Do que você se lembra?

Eu lembro muito do dia. Eu morava na Praça Onze. Então os tanques, as passeatas, tudo passava em frente à minha casa. E eu acompanhei. Aquilo foi uma coisa interessante, porque o mundo era contra o Getúlio e ficou a favor numa questão de dez minutos. Eu me lembro que eu estudava e estava na escola. A Escola Técnica alugou ônibus mandando os inspetores entregar os alunos dentro de casa, suspendendo as aulas naquele dia. Mas em agosto de 1954 eu tinha treze anos.

E o que acontece? Você pega então uma *Última Hora* pós-suicídio do Getúlio e qual é a situação do jornal? O jornal começa a entrar em dificuldades imediatamente?

Não, não, o jornal vai muito bem. O Samuel faz a *Última Hora* em São Paulo, faz a *Última Hora* no Rio Grande do Sul, faz a *Última Hora* em Pernambuco e faz a *Última Hora* em Minas Gerais. Em São Paulo, ele faz uma edição para Santos. Aqui ele fez uma edição para Niterói. O jornal ia muito bem, dentro da porra-louquice do Samuel como empresário. Samuel acabava indo catar dinheiro. Mas, por exemplo, eu trabalhei lá durante quatro anos, nunca atrasou um dia de salário. Não pagava grandes salários, mas também nunca atrasava.

Qual era o novo projeto do Wainer? Fazer um novo Diários Associados? O que era?

É, seria fazer uma cadeia de jornais no Brasil.

Você fica na *Última Hora* até 1964?

Até 1964.

Que outras coberturas foram marcantes nesse período? Você se lembra de alguma coisa particularmente?

O negócio daquele “mata-mendigo” do Lacerda. Depois foi preso um casal e torturado na Invernada de Olaria e eu acabei fazendo uma série de reportagens com a moça, Célia Lima. Eu não me lembro o nome dela. Célia Lima era codinome. Inauguração de Brasília, as greves aqui do Rio que ocorriam o tempo todo... A vida era sempre bastante agitada.

O que era a operação mata-mendigo?

Um grupo de policiais ligados à Secretaria de Serviço Social, da Sandra Cavalcante - eu tenho certeza que ela não tinha participação - pegaram os mendigos e, como não tinham onde botar, jogou no Rio da Guarda. Afogaram os mendigos todos lá e isso foi descoberto acho que pelo Amado Ribeiro, repórter da *Última Hora*. Virou um grande escândalo, acabou numa CPI na Câmara estadual.

E já era o governo Lacerda?

Já.

E aí a *Última Hora* aproveitava?

Ah, sim. A *Última Hora* se realizou. A *Última Hora* nesse tempo chegou a ter uma venda em torno de cem mil exemplares, o que era uma coisa muito grande.

Como era esse mercado de jornais no Rio de Janeiro? Quais eram os principais jornais? Você estava falando da tiragem da *Última Hora*, explica um pouco dessa divisão.

Você tinha vespertinos e matutinos. Menos o Samuel [Wainer], que lançou um matutino e um vespertino, os dois com o nome de *Última Hora*, que às cinco horas da manhã ele atualizava e rodava uma nova edição. Você tinha entre os matutinos, vamos dizer assim, os jornais mais sérios, mais sisudos: *Jornal do Brasil*, *Correio da Manhã*, *O Jornal*, *Diário de Notícias*, *O Dia*, que circulava de manhã e a *Última Hora*. De tarde você tinha *A Notícia*, *O Globo*, a *Última Hora* e o *Diário da Noite*. Tinha também a *Gazeta Mercantil* de dia. O Rio de Janeiro em 1964 tinha uns quinze jornais diários. E 1964 marca também o início da profissionalização dos jornais, que eram muito pouco profissionais.

O que começa a mudar?

Primeiro, um vício, que eu não peguei, mas que a geração logo anterior à minha pegou, que era todo jornalista ter emprego público. Aliás, tinha uma lenda na época - eu não sei se é verdade - que o doutor Roberto [Marinho] disse: “eu te pago pouco, mas te arranjo um emprego no governo”. E era verdade. Quando eu

entrei n'O *Globo*, todos os setoristas que trabalhavam nos setores d'O *Globo*, eram empregados do Ministério onde eles cobriam. (O governo federal já estava praticamente estabelecido aqui no Rio). Eles eram muito mais representantes do Ministério no jornal do que do jornal no Ministério. Nesse ponto também, se vocês quiserem, tem um livro do Cony, autobiográfico, em que ele conta muito bem. Porque o pai do Cony foi setorista na chefatura de polícia na época dele. Ele conta muito bem. Esqueci o nome do livro agora.

Quase Memória?

É isso, é isso aí.

Você estava falando da profissionalização. Como é que era Sindicato dos Jornalistas? Como é que era a atuação do Sindicato?

O Sindicato de Jornalistas até 1964 estava na mão dos irmãos (acho que era) Guimarães. Era uma quadrilha. Não tinha nenhuma influência. Quem mandava no Sindicato de Jornalistas era o Chagas Freitas. E aí, em 1964, o Dines - que eu considero um erro grave - aceita ser o interventor do Sindicato. E a partir daí, eu nunca consegui convivência muito forte com o Sindicato. Veio um rapaz do *Jornal do Brasil*, que o nome agora eu esqueci, que fazia Sindical lá no *Jornal do Brasil* e também acabou tentando se perpetuar. Foi derrotado depois pelo Caó, que acabou também entrando na política, usando o Sindicato e assim veio. Depois veio o filho do Néelson Rodrigues, que fez uma cagada enorme, conseguiu arranjar uma porção de aposentadoria de ditadura ilegais. Eu nunca cheguei muito ao Sindicato em função disso. Eu ia mais à ABI [Associação Brasileira de Imprensa], onde estava o Mesplé, onde tinham aquelas figuras com quem dava para se conversar. E, na minha opinião, a ABI também se desvirtuou depois, porque, num determinado momento, deixou de ser uma entidade dos jornalistas e passou a ser uma entidade dos empregados. E naquele momento, ela perdeu muita força. Os jornais aí resolveram fundar a Associação Nacional dos Jornais e a ABI foi perdendo muita força. Eu conheci a ABI quando eu comecei. Nenhuma autoridade estrangeira vinha ao Rio sem dar uma entrevista coletiva no auditório da ABI. Mas, o Sindicato eu acho que foi sempre muito infeliz quanto a esse tipo de coisa.

Você estava na Última Hora durante os governos Juscelino, Jânio e Jango...

Tava, quer dizer, em parte do Juscelino.

Como que era a liberdade de imprensa nessa época?

Total. Não tinha nenhum tipo de problema. A *Última Hora* foi cercada por ordem do Lacerda no dia da renúncia do Jânio. Mas, a polícia não chegou nem entrar no prédio.

E o jornal publicou o que quis?

O jornal publicou o que quis.

Como foi a atuação do jornal na renúncia do Jânio? Como o jornal se comportou?

“Rei morto é rei posto. Jango é o novo presidente”. Essa foi a manchete do jornal, usando uma frase do Juracy Magalhães, que odiava o Jânio. Porque o Juracy não foi candidato a presidente, porque Jânio quis se candidatar.

O Samuel [Wainer] se engaja, então, na defesa do...

O Samuel se exila na hora do...

Do golpe?

Não... mas naquele primeiro momento, ele sumiu. Estavam prendendo as pessoas ligadas ao Jango. O [João] Etcheverry é que sabia. O Etcheverry, quando eu cheguei, era o chefe da reportagem. O Etcheverry, um grande amigo, um grande jornalista, grande amigo do Samuel, depois, ficou como meio como conselheiro, estava em Pequim com o Jango, na caravana do Jango no dia em que o Jânio renunciou. E a gente aqui sabia muito coisa pela rádio Havana. Tinha a Cadeia da Legalidade, mas tinha muita notícia que a rádio Havana transmitia.

A *Última Hora* tinha Otávio Malta, Moacyr Werneck de Castro, notórios comunistas. Isso indica alguma vinculação da *Última Hora* mais à esquerda ou não?

Centro esquerda, né? Mais à esquerda. O candidato da *Última Hora* ao governo do estado, na sucessão do Lacerda, seria o Hélio de Almeida. Ele tinha sido presidente da UNE, presidente do Clube de Engenharia, aliás, chegou a ser chegou a ser lançado e foi cassado. A candidatura dele foi impedida por um decreto que proibia que qualquer ministro do Governo Jango pudesse se candidatar a qualquer coisa naquela eleição.

Esse período, então, do governo Jango, como que é a atuação da *Última Hora*? Como é o clima no jornal, qual é a vinculação dela com o governo Jango?

A vinculação é total. Mais do que com o Juscelino. Uma coisa que é importante é o seguinte, a *Última Hora* não apoiou o Juscelino. A *Última Hora* apoiou o Adhemar de Barros e Jango. Naquela época, você votava separadamente para presidente e vice-presidente. Mas, depois, montou uma boa relação com Juscelino. Juscelino montava uma boa relação com todo mundo. E na chegada do Jango, o Hélio de Almeida vai ser Ministro da Aviação por influência do Samuel. O João Pinheiro também, que acabou Ministro do Trabalho, foi por influência do Samuel. Samuel começou a viver a república mesmo.

Samuel tinha uma relação de amizade com o Jango?

Tinha. Mesma que tinha com o Getúlio. Com o Getúlio era maior. Getúlio chamava ele de profeta.

A coisa começa a esquentar: revolta dos marinheiros, comício da Central...

Como era a cobertura da *Última Hora*? Você participou dessa cobertura?

Particpei. A *Última Hora* se colocou muito contra a anistia imediata para os marinheiros. Eu, pessoalmente, acho que foi a grande cagada do Jango. Ali, ele conseguiu juntar as Forças Armadas contra ele. Mas, a *Última Hora* estava no Sindicato dos Metalúrgicos, dava voz a todos os marinheiros. Naquela revolta dos sargentos em Brasília, ficou a favor. Ela ficava assim, quando radicalizava o negócio. Eu tenho certeza que o Jango, entre ter uma luta armada e renunciar, ele preferiu renunciar. Ele não estava nem tão fraco naquele dia.

Agora, a *Última Hora* ainda assim não aderiu totalmente ao Jango, como você está falando. Ela tem alguma crítica. Mas, ela vai ser o único jornal, praticamente, que se coloca contra o golpe.

É. A manchete dela é "O Governo da República está no Sul".

Enquanto os outros jornais fazem o quê?

Os jornais todos deram editoriais. O editorial do *Correio da Manhã* é "Basta, Chega, Fora", juntando os três. O *Jornal do Brasil* é todo do Cony, quando o Cony era de grande louvor à queda do Jango.

Quando a *Última Hora* coloca "O Governo da República está no Sul", era, na verdade, uma manchete estratégica ou se acreditava de fato que...

Não, não. Isso começou a rodar, parou e trocou a manchete. "Jango viaja para o Uruguai".

Então, essa manchete não chega a sair?

Sai no início da rodada. É porque o jornal começou no dia seguinte, começou a rodar muito tarde, porque incendiaram sua sede. Tiveram até de chamar os mecânicos em casa, refazer a máquina e improvisar uma redação para poder fechar o jornal do dia dois. Ele foi quebrado.

E aí Samuel Wainer vai para o exílio...

Já tava na embaixada do Chile a essa altura.

O que acontece com o jornal?

Ele entrega a uns primos, a uns sobrinhos, que roubam bastante. Então, a *Última Hora* do Rio Grande do Sul, ao Maurício Sirotsky, que era sobrinho dele, transforma em *Zero Hora* e fica com o jornal. O Sami Sirotsky começa a tomar conta aqui do Rio e vai à breca também, o jornal acaba se arrebetando. O jornal de São Paulo ele conseguiu vender para a *Folha de S. Paulo*. O de Recife não tinha jornal. Eles quebraram a máquina, a sede, tudo. O Exército entrou lá e quebrou todas as máquinas. Portanto, não tinha nem o que vender, nem o que fazer. E aí vai se aventurando numas coisas, recebendo dinheiro dali, que é o que ele queria. Perde muito dinheiro com o cinema...

Na França?

Na França. Quando volta, tenta um acordo, alguma coisa com os militares, não consegue nada e acaba vendendo a última *Última Hora* que ele tinha, que foi comprada pelo Mário Andreazza, tendo o Ary de Carvalho como testa de ferro. Mas ali o dinheiro era da Delfim, do Ronaldo Levinson, para a campanha do Mário Andreazza. Encontrei uma vez o Samuel como empregado nas oficinas da *Folha de S. Paulo*, fechando a *Última Hora*. E quando ele vem para o Rio, porque eu também estava saindo da *Veja*, ele me convida para ser o chefe da redação do *Domingo Ilustrado*, onde eu fiquei dois meses e meio. Aquilo era um hospício, mas ali ele estava interessado em tomar dinheiro. Ele queria o salão aberto de 2014. O Adolpho [Bloch], muito emocionado de ter o Samuel ali como empregado, ia dando dinheiro para o Samuel. Mas, eu sentia, a gente sentia que não tinha jornal. Eu dizia: "mas Samuel, como é que a gente faz o jornal?". Ele dizia assim: "todas as reportagens tem que vender quinhentos mil exemplares". Aí eu: "então tá bom". Tem uma coisa engraçada, eu já contei para ela, por isso posso contar aqui. Eu já contei para Pink e para a Danuza. Um dia, eu estou em casa, o Samuel diz assim: "Caban, você podia dar um pulinho aqui?". "Fácil". Eu morava muito perto dele. Ele morava ali num apartamento da rua Vieira Souto com a Teixeira de Melo e eu

estava morando na Joaquim Nabuco, por ali. Aí eu cheguei, era muito cedo ainda, ele estava lá. “Eu tô precisando ter com você uma conversa muito importante”. “Tá, vamos ter essa conversa, eu estou tentando ter essa conversa”. O Samuel: “não, não, não. Você não está tentando nada. Nós temos de ter uma conversa muito importante. Eu quero saber se você acha possível aquela minissaia da Pink. Você tem que proibir aquilo”. Eu disse: “não Samuel, quem tem que proibir a minissaia da Pink é você, não sou eu”. E logo depois eu saí. Ele ficou zangado. Ele queria ver se eu me metia a domar a filha dele.

Em seguida mesmo do Golpe, tem uma “caça às bruxas” ou, digamos, caça aos comunistas nas redações dos jornais?

Eu fui despedido dia 30 de abril da *Última Hora*. Não tenho nenhuma queixa com relação a isso. Eu sei que o critério da *Última Hora* foi o de quem precisava mais. Quer dizer, eu era o primeiro da lista. Eu tinha vinte e três anos, morava com os pais, não tinha filhos... Mas depois, durante dois anos eu não consegui emprego. Eu comecei fazer cinema. Uma filha do Elói Dutra, de quem eu tinha sido assessor da campanha quando ele foi candidato a vice-governador, me apresentou ao Jesse Valadão e aí eu acabei fazendo a produção de um filme com ele, *O Rei da Chanchada*. Outro dia eu vi o filme no Canal Brasil e estava lá meu nome, nos créditos, como diretor de produção. E aí o Milton [Coelho da Graça] foi solto em Recife, veio para o Rio e, num dia de dezembro de 1965, ele disse: “eu tô indo lá para a editora Abril, no Rio. O Alessandro Porro está assumindo lá, foi todo mundo demitido, parece que os caras fizeram uma farra enorme no Natal que acabou todo mundo nu e demitido da redação, da sucursal”. Foi quando eu consegui emprego. No dia dez de janeiro de 1966, eu começo a trabalhar na sucursal do Rio. E tinha o seu André Hakar... Aliás, outro dia o Milton estava lendo a ficha dele, tem uns relatórios sobre ele e sobre mim. O seu André Hakar era um egípcio, amigo do Victor Civita e era administrador. Ele era muito sabido na compra de papel e a Abril comprava uma quantidade estúpida de papel no exterior. Mas ele recebeu nossa ficha, chamou o Alessandro. “Alessandro eu estou com medo de eles botarem uma bomba debaixo da minha mesa”. Mas aí, o seu Victor não cedeu, levou o André Hakar para São Paulo e aí começamos a trabalhar. O que eu falo para todo mundo desse negócio de jornal é o seguinte: não teve perseguição a jornalistas que justifique essa farra do boi, esse negócio aí do “salário ditadura”, “aposentadoria ditadura”. Isso não aconteceu. Até tiveram alguns que foram impedidos de trabalhar, mas você resume isso numa reunião em que o Juracy Magalhães chama os donos de jornais no Rio. O Juracy Magalhães era Ministro da Justiça do Castelo Branco e a reunião era com o fim de demitir os comunistas das redações. Aí tem

dois episódios. Dessa reunião, Juracy disse assim: "Por que o senhor contrata tanto comunista?". Aí o doutor Roberto disse: "porque eles sabem fazer jornal. O senhor quer discutir comigo o problema de comunista na redação, vamos discutir o conteúdo do jornal. O que o senhor está insatisfeito com o conteúdo do jornal e não com perseguições pessoais?".

Você falou que tinha dois episódios. Esse era um.

O segundo é mais engraçado. No meu inquérito, um coronel do SNI [Serviço Nacional de Informações] para o doutor Roberto, eu estava na sala, pedindo a ele a lista dos comunistas d'*O Globo*, que um cara ia lá pegar. Ele pegou e mandou embrulhar a folha de pagamento e deu para o cara. Aí ligou o filho do Zé Américo, que foi comandante do exército aqui, Reinaldo de Souza. O Leônidas Pires Gonçalves era o chefe do Estado Maior naquela época. E aí ele disse que o pessoal estava chateado que ele tinha mandado uma lista, mas não era aquela lista. Ele [Roberto Marinho] disse: "olha, eu não sou polícia, eu não tenho que descobrir comunista. Quem tem que descobrir comunistas são vocês. Vocês vejam aí a lista e vejam os comunistas que tem no *Globo*". Eu não sei nem se o menino da TV contou isso no livro dele...

O Pedro Bial?

Pedro Bial. E logo depois o doutor Roberto fez uma carta para o general Reinaldo dizendo que não estava entendendo aquilo tudo, porque *O Globo* era um jornal que estava alinhado aos princípios da revolução, aquela baboseira toda, e que agora sofria toda essa perseguição. Então, que ele queria, como bom amigo do Reinaldo, pedir que o Reinaldo investigasse a infiltração comunista no Exército, que só comunistas poderiam estar querendo derrubar *O Globo* daquele jeito. Portanto, a editora Abril nunca quis mandar ninguém embora. Aliás, nunca mandou. Eu me lembro que os caras foram presos. Quando acabava a prisão, os que eram empregados voltaram. E tinha algumas coisas bem safadas. Por exemplo, a *Folha de S. Paulo* emprestou um jornal, a *Folha da Tarde*, para o DOI-CODI, para OBAN [Operação Bandeirantes]. A OBAN editava o jornal *Folha da Tarde*. A redação de *O Globo* estava muito mais à direita que o Roberto Marinho. Tanto que quando ele nos chama para vir para o jornal, ele diz: "ah, jornal vai morrer". Mas os caras estavam muito, muito à direita. Tem até outro episódio engraçado, que o Pery Cotta era assessor do coronel Costa Cavalcanti. E como chefe de redação do jornal, dava manchetes semanais sobre o coronel Costa Cavalcanti. E quando acabou tudo, ele foi e pediu aposentadoria especial por perseguição. Aí o Evandro [Carlos de Andrade] fez uma notinha em *O Globo* dizendo que não estava entendendo, pois o

Pery Cotta tinha sido assessor de imprensa do Costa Cavalcanti, chefe do outro general que quase foi candidato à presidente, o [general] Albuquerque Lima. E agora estava pedindo aposentadoria. Aí o Pery Cotta disse assim: "eu conversava muito com o Exército, mas a Aeronáutica me perseguia". Então, eu não acho que tenha tido esse tipo de coisa. Inclusive eu fui vítima disso na *Última Hora*, quer dizer, o cara faltava uma semana, não mandava matéria. "Então, não tem mais como ficar aqui, vai embora". Aí "é perseguição política". Ele ia na ABI, a ABI dizia: "estão fazendo perseguição política". Tanto que o Sindicato saiu uma vez em passeata pela morte de um cara que eu mandei embora, Valcir Araújo. Esse cara era da polícia e eu sabia que ele era da polícia, porque eu tinha um amigo dentro do Detran que me dizia: "esse cara dá dicas aqui dentro do Detran para a polícia". O nosso Cony, quem eu adoro, teve, na Revolução, um incremento para a carreira dele. Ficou conhecido, os livros dele venderam como água, o Adolpho botou ele trabalhando e ele foi muito bem. Eu não vejo essa coisa. Eu vejo o seguinte: a família do [Vladimir] Herzog, essa tem que ser indenizada. O provedor dos recursos da família morreu. Mas, no resto, sinceramente, não vi tanta perseguição assim.

Você manteve sua militância política e sua vinculação ao Partido. Efetivamente, o que você fazia enquanto militante comunista na época do regime?

Dava emprego, dava free-lancer, fazia os caras sobreviverem, basicamente.

E dava os cheques também?

Não. Os cheques foram uma coisa desse Luís Paulo, fotógrafo. Eu sustentava uma família de preso político. Aí disse: "ô Luís Paulo, eu vou ali pegar um dinheiro". Ele disse: "pode me dar que eu vou ali e pego na boca do caixa". A história do cheque nominal só vem depois do Collor. Aí ele pegava meu cheque e depositava na conta dele. Não teve jeito.

E como é a história com o doutor Roberto por conta disso?

Eu falei isso. Disse ao doutor Roberto que eu ia dar, eu não podia deixar de dar, ia continuar dando, porque foi desse socorro vermelho que eu vivi até os cinco anos de idade. Aí o doutor Roberto olhou para mim e falou assim: "mas em cheque?". Aí eu fiquei com muita vergonha daquilo.

E o que o Élio Gaspari descobre depois sobre essa história?

É o finzinho do quarto volume. É uma coisa intrincada. Com a queda do [general] Sílvio Frota, os generais começam a ficar um pouco inquietos com relação ao que

vai acontecer com o Exército. Quer dizer, eles também não queriam largar o osso, assim, rapidamente. Então, por sugestão do general Reinaldo, é feito a operação Grande Rio e essa operação Grande Rio queria pegar uma figura, era eu. Era o segundo cara da redação de *O Globo* que eles podiam pegar. Mas eles foram todos errados. Começaram botando o nome do Evandro, do Villas-Bôas Corrêa, do Armando Nogueira, da Alice Maria, e a primeira recuada deles meio que desmoralizou aquela operação. E aí, eles ficaram centrados em mim. Fui lá depor umas cinco vezes, mas com o doutor Roberto me acompanhando. Aliás, no primeiro dia ele nem foi, foi Alice Maria e o delegado Borges Fortes (que Deus o tenha), que disse: “pode deixar, doutor Roberto, aqui não vai acontecer nada, pode deixar, ela vai depor e vai embora. Ela veio comigo, ela vai voltar comigo. Eu vou ficar esperando aqui”.

Você acha que isso tinha a ver com alguma posição da linha mais dura dos militares contra o doutor Roberto? Tinha alguma relação?

É, podia ter. Naquela altura dos acontecimentos, o doutor Roberto e *O Globo* já eram francamente Geisel, tanto que tem um episódio interessante. Eu estava fechando a primeira página de *O Globo* no dia que houve a posse do Geisel com o Médici. Aí ele me ligava sempre, queria saber a manchete. Eu estava com vontade de botar uma foto, uma de frente, outra de costas, o Médici de costas, e o, e o... mas ele disse: “isso é uma bobagem. Bota o Médici lá dentro. Bota só a foto do Geisel”.

Ele não gostava do Médici?

Não, mas também estava acabando o governo, ele estava indo embora.

Em 1966, depois de dois anos sem emprego, você entra na sucursal da Abril no Rio?

Sucursal Rio da editora Abril, para fazer a revista *Intervalo*.

Como é que foi a sua experiência na revista *Intervalo*?

Fazia doze matérias por dia, eu fazia a revista toda. A televisão estava toda aqui no Rio e eu, naquele mesmo ano, já tinha feito cinema. A central de fofoca de artista era a Fiorentina [bar e restaurante em Copacabana]. Era só ir à Fiorentina toda à noite e você tinha as coisas. Fazia com o pé nas costas. O Milton Temer, que foi contratado logo depois para dividir o trabalho comigo, tinha preconceito contra revista de televisão. Ele se considerava um cara muito sério e então eu disse assim: “você fica com as técnicas, que eu odeio, *Transporte Moderno, Química e*

Derivados, Aço e não sei o quê... Você fica fazendo matéria para esse pessoal, que eu, com maior prazer, fico com a *Intervalo*". Aí, em abril daquele ano, sai a revista *Realidade*.

Como é que foi a sua transferência para *Realidade*?

Eu não fui transferido. A redação do Rio era uma só, que respondia a todas as publicações. Quem foi fazer matéria para *Realidade* contratou o Paulo Henrique [Amorim], que foi para São Paulo, e contratou o Ivo Cardoso que ficou aqui, fazendo *Quatro Rodas*. A *Realidade* tinha uma abertura chamada *Aconteceu* e eu fazia muita materinha ali. O Milton fazia matéria para *Realidade*. Então, ele se afastava muito e eu assumia a direção da redação. Fiz também uma matéria para uma *Realidade* que foi apreendida, a "Realidade Jovem". Eu fiz "O jovem executivo", mas esse não foi apreendido.

Foi apreendido por quê?

Porque não gostaram das matérias. O número da mulher foi apreendido e esse número foi apreendido.

E sobre a *Realidade*, quais eram as principais características dessa revista?

Grandes reportagens sobre grandes perfis. Eram todos profissionais de primeira ordem, um até faleceu, Roberto [Freire], um psicólogo que faleceu faz uma duas semanas. Eu ouvi por aí. O [Paulo] Patarra, que também morreu. Mas era gente muito boa e fazia furor no Rio. Quer dizer, o primeiro número de *Realidade* saiu em abril de 1966, faltando dois meses para a Copa do Mundo. A capa era o Pelé com aquele boné da rainha [da Inglaterra], aquele chapéu da guarda da rainha. O segundo número, a capa, era a primeira vez que se fotografou o bebê dentro do ventre, chamada "A vida antes de nascer".

Quem mais fazia parte da revista?

[Narciso] Kalili, também morreu. Hamilton de Almeida, Zé Hamilton [Ribeiro], Zé Hamilton perdeu uma perna no Vietnã pela *Realidade*. Ele trabalha já há algum tempo no *Globo Repórter*, no *Globo Rural*, fazendo matérias.

A *Realidade* também tinha o papel de questionar os costumes da sociedade?

Não, ela dava o perfil do Sobral Pinto. Isso deixava os militares loucos. Mas, ela dava também o perfil do Roberto Campos. E aproveitava muita matéria de uma italiana que, na época, fez muito sucesso, Oriana Falaschi, que fazia esse tipo de

entrevistas também pelo mundo. Mas, você vê, o Milton Coelho ficou sessenta dias viajando, tentando entrevistar o Fidel Castro e o Guevara.

E conseguiu?

Não.

Os repórteres aqui da sucursal faziam matérias para todas as revistas?

Todas. A primeira vez que divide é quando vem a *Veja*. Aí, fica uma redação para a *Veja* e uma redação para o resto... O ano em que fiquei como chefe de sucursal, eu fazia esse serviço até para os fascículos, para *Conhecer*, para esse tipo de publicação. Todas as publicações ficavam centralizadas. E São Paulo puto, porque eles queriam ter um repórter aqui que eles nomeassem, que eles mandassem. Isso eles não tinham. Eles tinham um birô, onde eles podiam pedir serviço.

Sobre a *Veja*?

Não. Isso nas outras publicações. A *Veja*, não. Na *Veja*, eu fui para São Paulo. Quando o Mino é contratado para montar a *Veja*, no final de 1967, ele vem ao Rio e me chama para ser o secretário da revista, para eu montar a revista com ele, que dentro da editora Abril era tudo. A Abril não tinha nada; não tinha sucursais, não tinha agência, nada disso. Não tinha laboratório fotográfico rápido. Porque ela era uma editora de revistas mensais ou de fotonovela. *Intervalo* era uma revista semanal, mas era porcaria. E aí eu fui para São Paulo em 1967 para começar a montagem da *Veja*. Naquela época eu contratei o Luiz Garcia aqui no Rio, para ser o chefe da redação.

Secretário de redação é uma função que hoje não existe mais, né?

O secretário de redação? Quando eu voltei para *Veja* em 1986, com a mesmíssima função, eu recebia o título de diretor de operação. O problema era o seguinte: eu era o chefe da redação, quer dizer, eu era o cara que cuidava da produção da revista. O secretário, como era antigamente nos jornais, o que era o secretário? Ele era um centralizador da relação entre a redação e a gráfica. Isso não tinha sentido numa revista semanal em que cada um sabia fazer suas coisas, ia lá e fazia. Isso num jornal dava. E mais tarde, quando veio a questão da computação, o cargo de secretário realmente deixou de existir. Portanto, o meu nome era secretário de redação, na primeira, diretor de operação, na segunda. E o [José Roberto] Guzzo perguntou se eu não queria ser chefe de redação. O importante era o seguinte, eu cuidava da produção e antes disso, da montagem da revista mesmo. Foi feito um curso, com um concurso para escolher os profissionais da redação. Eu vim ao Rio

para montar a sucursal, montamos uma sucursal em Recife, Salvador, Porto Alegre e Belo Horizonte, contratando as pessoas.

A gente estava falando de *Realidade*, uma revista que tinha na sua pauta consumo de drogas, aborto, celibato dos padres. Era uma revista diferente, não?

Era uma revista diferente e era uma revista que incomodava muito os militares. E era uma revista que ficou ali por causa do seu Victor Civita.

Havia muita pressão?

Muita pressão. A última coisa do seu Victor, quando botou o Alessandro Porro lá, ele disse: "Eu só quero uma coisa, eu não quero mais que a Polícia Federal venha me encher o saco". A *Realidade* era uma revista muito perseguida. E quando ela perde importância para a Abril - porque a Abril vinha de uma editora de *Cláudia*, *Capricho*, *Contigo*, *Intervalo* essas coisas - e tem esse primeiro momento, a *Veja* substitui dentro da Abril esse desejo de ter influência. Eles, mais ou menos, vão abandonando a *Realidade*. A *Realidade* acaba morrendo de inanição.

Como fica a *Realidade* depois do AI-5?

Aí eu não acompanhei. Depois do AI-5, foi exatamente o momento da virada da *Veja*. A *Veja* nasceu em 1968, em setembro. Foi um fracasso monumental. Ela, de quinhentos mil, estava no quarto número vendendo quatorze mil exemplares, e na hora do AI-5, no fim de 1968, a gente começa a se encontrar. A gente não podia fazer um boletim semanal dos acontecimentos e tinha de estar à frente dos jornais, senão, não tinha nenhuma solução. Aí, realmente, eu não olhava para mais nada. Eu sei que a *Realidade* foi trocando de diretor, o Newton [Rodrigues] acabou sendo diretor e, no fim, acabaram com a *Realidade*, com a *Veja* alcançando o seu prestígio.

Como foi a formação da *Veja*? Você fez parte desse processo.

O Mino [Carta] foi convidado para ser o diretor, fez um projeto da revista e praticamente a maioria das pessoas foi contratada pelo Mino, quer dizer, os editores. Teve muitos erros nessas contratações. E eu fiquei montando as sucursais. E a turma de base era esse curso que a Abril fez. Nesse curso, veio o Marcos Sá Corrêa, veio o Gilberto [Pascoal], que depois foi para a *Gazeta Mercantil*, veio muita gente boa, o [José Carlos] Bardawil, que depois foi para Brasília. Esses são os repórteres. A revista tinha muito medo do meu comunismo. Então, o Mino disse assim: "vai ao Rio Grande do Sul e contrata o [Walter] Galvani, que é um

cara que trabalhou para nós”. Eu vou lá e digo: “ô, Galvani, como é que está?”. “Ah, não sei se eu estou a fim não”, aí eu contratei o Paulo Totti. Eu disse: “mas o Galvani não queria, ele disse que não tava muito a fim”. “Você também não insistiu”. Foi assim. Consegui botar o Alberico [de Sousa Cruz] em Belo Horizonte, o Totti ficou em Porto Alegre, o Garcia no Rio.

**Qual era o perfil da *Veja* nesse início, nessa época em que ela foi formada?
Quais eram as pautas, por exemplo?**

Esse é que era o problema. O perfil da *Veja* era o seguinte: eram pautas anárquicas, onde você mandava para as sucursais. Uma coisa é você fazer. Outra coisa é você ter à tua disposição um telex e ficar mandando coisas. Se o cara tem condições de fazer aquilo ou não tem, não tem a menor importância. Então, quer dizer, o jogador do Corinthians quebrou a perna no jogo. A nossa matéria vai ser uma grande matéria nacional sobre acidentes em futebol. Aí saía pauta para tudo que é sucursal, correspondente... Na sexta-feira, dia de fechar, o editor estava afogado em pilhas de papel e escrevia alguma coisa da cabeça dele e não conseguia... Houve alguns episódios. Por exemplo, Néelson Rodrigues passou a ser recusar a falar para *Veja*. Porque você mandava uma pauta para o Néelson Rodrigues, o repórter passava quatro horas com ele, o cara aproveitava uma palavra na revista. (Megalomania, né?) Um dia, o Paulo Mendonça, que era o cara que fazia teatro, pede uma foto de um artista contestador soviético. Aí eu peço na AP [Associated Press], a AP diz: “não temos essa foto”. Aí o Paulo Mendonça: “essa foto é absolutamente fundamental”. Eu disse: “Mino, vai mandar um fotógrafo da AP a Moscou fotografar o cara?”. Ele disse: “nós temos que fazer isso.” Ponto. A foto custou dez mil dólares e não foi publicada. Então, era muito anárquica. Quando vem o AI-5 e com a chegada do Élio Gáspari na revista, o Raimundo Pereira também sai da editoria de Ciência e vem para a editoria política. Com isso, se consegue começar a fazer uma revista que vai, aos poucos, tomando a sua posição. Aí seu Victor [Civita] resolve fazer assinatura, que foi a grande salvação da *Veja*. Tem uma reunião lá com a máfia dos Jornaleiros do Rio. Ele prometeu - e cumpriu - que nos próximos dez anos ele não faria a assinatura de nenhuma revista mais, mas da *Veja* ele queria fazer. Consegue esse acordo e a *Veja*, com a assinatura, ela vem bem. E no início, a anomalia da *Veja* era o seguinte: ela vendia muito no interior e pouco na capital. Vendia onde o sujeito não tinha informação no dia-a-dia. E onde o sujeito estava informado (ele lia coisas mais à frente), ela não vendia.

Isso começa a mudar em algum momento, as pautas começam a mudar?

Não só as coisas começam a mudar, como não tem mais “hora bunda” na revista: o editor sentar na cadeira e mandar telex para todo mundo dizendo o que ele quer, sem se importar sequer se esse cara que está lá tem condições de atender a todos aqueles pedidos. Tem certo momento, inclusive, que todas as pautas tinham que passar pela minha mesa, que eu tinha, mais ou menos, uma idéia do que aquela sucursal estava fazendo. Entendeu? E tinha uma má compreensão de fazer uma revista nacional. Eles tinham um complexo, quer dizer, você estava fazendo uma matéria sobre cárie, mas não pode ser um dentista de São Paulo: tem que ser um de São Paulo, do Paraná etc. No lugar de mandar para o Paraná um pedido para a pessoa conseguir uma frase de um dentista, mandava uma pauta, que voltava com uma entrevista de seis, sete laudas, de onde se sacava uma frase. Essas coisas foram melhorando e se modificando na revista.

Quais reportagens você considera marcantes desse primeiro momento da *Veja*?

A pior é a capa de estréia imposta pelo Roberto Civita, que é uma foice brigando com um martelo. Essa briga não existe. Depois, teve uma capa muito boa que foi apreendida, que foi a capa do Ato [Institucional nº] 5. Era um quepe de general em cima de uma bancada do congresso totalmente vazia. E depois teve boas capas. A *Veja* não se fez pela qualidade da capa, se fez pela qualidade da matéria da capa, por conseguir dizer, principalmente de política, coisas à frente, estar bem informada. Tanto que quando eu já estava n’*O Globo*, *O Globo* chamou um brasileiro que estava trabalhando no desenvolvimento de comando de voz em computador na IBM, lá no interior dos Estados Unidos. E esse cara disse coisas muito interessantes. Ele disse: “olha, o jornal precisa se preparar para adotar a sua nova posição”. Aí disse: “nós acabamos de ter uma eleição. O *News Week* diz como será os Estados Unidos com [Jimmy] Carter. E o *The Times* está dizendo a conspiração que elegeu o Carter. O *The Times* está morto, porque isso os jornais disseram, cobriram, e aí você tem que ir para frente, ou os jornais também estão mortos”. Eu acho exatamente que há uma crise hoje desse problema. O jornal deixou de ser, vamos dizer, um veículo de primeira notícia. Eu me lembro n’*O Globo* já, a gente estava em um daqueles incêndios de São Paulo, o que rodava de jornal, vendia. Aí, quando eu já estava no *Jornal do Brasil*, num sábado à noite, teve um acidente da Lady Di, que nós paramos a máquina, rodamos outra vez o jornal e triplicou a venda, no domingo. Porque as pessoas acordavam todas surpresas. No Andraus [edifício incendiado em 1974], a televisão não tinha transmissão direta, tinha que gravar e depois transmitir. No sábado seguinte a esse, eu disse: “vamos fazer agora, porque vai ser enterrada a Lady e vai embora o

Papa". O Papa estava visitando o Brasil. Aí encalhamos brutalmente nas bancas, brutalmente. Porque a televisão deu isso. Em 1998, ainda no *Jornal do Brasil*, eu peguei o IVC [Instituto Verificador de Circulação] e descobri que os jornais tinham diminuído de venda na Copa do Mundo, abaixaram suas vendas. Não é para mim, não é para minha geração, mas os jornais têm que procurar o seu rumo. Porque, na minha opinião, ele é um órgão de opinião e didático. Não adianta ficar dando no jornal o edifício lá de Nova Iorque que desabou, porque eu vi aquele desabamento em nove canais diferentes pela [tv a cabo] NET. O que o jornal vai me dar amanhã da Copa do Mundo, eu vi o Pedro Bial na cama do Ronaldo.

Você acha que os jornais impressos conseguiram se reposicionar diante dessa nova realidade?

Acho que ainda não. Os jornais ainda estão correndo atrás das notícias de primeira mão. Eu não estou falando de furo. Por exemplo, a televisão ontem deu o assalto ali na avenida Rodrigues Alves. Os jornais estão dando páginas inteiras. E outra coisa, tem que acostumar a escrever pouco. As pessoas não têm mais tempo. Então, não adianta dizer: "demos quinze páginas". Aliás, eu estava ainda n'O *Globo* quando o [François] Mitterrand morreu e eu desci na redação - eu estava lá na diretoria - e o Merval [Pereira], que até não gostou muito, disse assim: "Pô, Caban, gostou da cobertura?" Eu disse: "Merval, o *François* deu menos páginas". Esse negócio que nós temos, a nossa grande imprensa, a compulsão que tem de número de páginas... Quando eu chefiava a redação de *O Globo*, o cara vinha com a pauta e dizia assim: "três repórteres para isso, quatro repórteres". Eu falava: "Não. Quero saber o que você quer como resultado. Isso aqui é designação de pessoal, não é pauta de reportagem. Tem que saber o que cada um vai fazer no seu lugar". E citava muito um negócio de recursos. O cara dizia assim: "Pô, alugamos um avião, um helicóptero, um barco". Eu dizia assim: "Quando o navio da Marinha furou o casco do Eugênio C, um desses aí, vocês todos, *Jornal do Brasil* e *O Globo*, alugaram helicóptero, navio, barco para fotografar o navio. Quem fotografou foi um cara da *Última Hora*, que foi de bonde, de ônibus, chegou na porta do arsenal da Marinha e disse assim: 'eu queria ver aquele navio'. Aí o soldado falou 'tá ali'. Ninguém fez essa foto". Então, o que eu estou achando é que tem de voltar à simplicidade. Quando eu vejo o volume, o número de pessoas cobrindo um evento, cobrindo alguma coisa... Ficou, também, uma coisa muito diferente na imprensa, quer dizer, no Rio de Janeiro você tem *O Globo* e não tem mais nada. E jornal popular. Tem lá o *Extra*, *O Dia*. Mas, o *Jornal do Brasil* não existe mais. Em São Paulo, você ainda tem alguma concorrência entre *Folha* e *Estadão*.

Antes de voltarmos à *Veja*, você diria que essa falta de concorrência aqui no Rio de Janeiro entre os jornais prejudica a informação de alguma maneira?

Não. Eu acho que fica mais difícil para o profissional que está precisando mexer nas coisas. Ele não mexe. Há o borderô de vendas: "Está vendendo igual". "Ah, então não precisa mexer. Ele é líder..." Mas, não é bem assim. Porque quando eu saí com Evandro [Carlos de Andrade] da redação [d'O *Globo*], aquilo vendia um milhão, hoje está vendendo trezentos mil. É esse flanco que tem que ser olhado. Um jornal como *O Globo*, como *Folha*, como *Estadão*, em um dia de semana, hoje em banca, não vende vinte mil exemplares. Então, eu acho que tem que olhar para essa perspectiva. Mas a culpa não é só de redação. Todo mundo passou a administrar a redação a partir do financeiro, todas as empresas, *Estadão*, *Globo*. "Não deixa mais aqueles malucos gastarem muito". E aí não tem jeito. Quando tiraram [da rede *Globo*] o Boni [José Bonifácio de Oliveira Sobrinho] e botaram a Marluce [Dias], o Luiz Garcia me disse: "Eles vão ganhar um dinheirão no primeiro ano, porque ela vai fechar todos os buracos na *TV Globo*. Aí virá a primeira crise. Crise de audiência, de coisa. Aí ela não sabe como resolve".

Ainda sobre a *Veja*, como estava o mercado de revista naquele momento em que a *Veja* nasce?

A *Veja* é a primeira revista semanal de informação. Você tinha *O Cruzeiro* agonizando e tinha a *Manchete* viva. Tanto que um dos problemas que a *Veja* teve no seu lançamento foi de um erro bárbaro da agência de publicidade que lançou a revista. A revista teve um lançamento caríssimo, caríssimo. No dia do lançamento teve doze minutos de cadeia de televisão de todo o Brasil e apresentou, o tempo todo, uma revista de fotografia. Aquelas fotografias que explodiam. E em momento nenhum anunciou que era uma revista de texto, não era uma revista de fotografia. Essa foi a grande decepção do comprador do primeiro número da revista. Você tinha a *Visão*, mas a *Visão* era uma coisa muito dirigida por um público empresarial, aquelas coisas do grupo *Visão*. Então, o Civita queria entrar nisso. As revistas que eles tinham feito anteriormente, as técnicas, o grupo técnico que a gente chamava, era visando a pegar a *Visão*, porque a *Visão*, o grupo *Visão*, tinha cinco ou seis revistas, todas chamadas *Visão*, *Visão Metalúrgica*, *Visão* não sei de quê... Ora, era para a gente fazer o *News Week* e o *Times* no Brasil. Com isso abriram um mercado. Depois veio *Isto É*, veio *Época* e abriu alguma coisa.

Nesse momento, qual era a situação da Editora Abril?

Ótima. A Editora Abril tinha o grupo Disney, que vendia milhões de exemplares. Hoje está fracassado. Tinha a melhor revista de mulher, *Cláudia*, tinha a melhor revista de automóvel, *Quatro Rodas*, vendia semanalmente quatrocentos mil exemplares de *Intervalo*, era só botar o Roberto Carlos na capa. Era uma coisa engraçada, Roberto Carlos na capa, quatrocentos, Chacrinha na capa, duzentos. Aquela foi uma época da fotonovela, ela tinha cinco ou seis revistas de fotonovela, todas muito bem colocadas, aliás, o [Domingo] Alzugaray veio para o Rio, para o Brasil, para vender fotonovela, ele era vendedor de fotonovela. E aqui no Brasil, o seu Victor disse: "mas Alzugaray, você é um cara bonito, vamos fazer nossa própria fotonovela". E passou a fazer fotonovela e o Alzugaray é o ator da fotonovela. Aí, o Victor faz dele editor comercial da Abril. Essa é uma história interessante. O Richard [Civita] era um sujeito muito mandão, queria que todo mundo ficasse submetido a ele. Começa a brigar com Luiz Carta, começa a briga com Alzugaray, mas o Alzugaray um dia disse: "Richard, é o seguinte: para me mandar embora, tem que me dar um dinheirão. Então, eu quero abrir uma empresa com vocês que vai ser o seguinte, sessenta por cento minha, quarenta por cento de vocês. Os quarenta por cento de vocês vão entrar com o encalhe dos fascículos. Eu entro com encapamento e venda". "Tá bom". Ganhou dois bilhões em um ano. Aquele negócio, aquela febre de comprar coleção de *Conhecer*, coleção da *Bíblia*, coleção não sei de quê... E aí ele faz a Editora Três.

Você disse que, depois de um período de "anarquismo" da revista, em dezembro a *Veja* encontrou o seu caminho.

Ela encontra não o caminho, ela encontra uma equipe que começa, em Política, a fazer aquilo que a gente tinha de fazer, falar do amanhã e não do ontem. E a partir daí, o Mino começa a reorganizar todas as editorias. Enxuga um pouco a revista de gente e começa a contratar gente melhor. Aí a revista vai.

É exatamente nesse momento que acontece o AI-5. Como é que ele altera a situação?

Fica ruim, fica sob censura, mas dando as matérias sempre à frente. Isso coincide com ele, no caso o Raimundo [Rodrigues Pereira] e o Élio [Gaspari] souberam aproveitar bem, conseguiam contar dos bastidores da luta pelo poder e o censor não. Pelo menos não entendia e não mexia naquilo.

Você lembra do dossiê que a *Veja* publicou em dezembro de 1969 sobre tortura?

Não, não.

Tem as duas capas, uma é “O presidente não admite tortura”...

Ah, lembro. “Vinde a mim os terroristas”. É a frase do Médici, sempre orientado por aquele coronel Octávio [Costa], que era o cara que escrevia, o intelectual de plantão do Exército naquela época. E o Médici dá, em seguida, um corte violentíssimo nele e endurece tudo. Mas, lembra? “Vinde a mim os terroristas”.

A *Veja* monta uma edição que vai falar de tortura na época e que, segundo a própria edição, diz que mobilizou todas as sucursais...

Claro. Como o Médici dizia que não haveria tortura no governo dele, a *Veja* tentou fazer uma pauta dizendo o que houve de tortura no passado. O resultado disso foi um aperto maior na revista, em termos de censura, e um aperto maior no Médici também, que passou a não mandar em nada.

Sobre essa edição, dizem que os militares mandaram um aviso às redações de que nada poderia ser publicado sobre tortura, mas o pessoal da *Veja* teria desligado os telefones para que o aviso não chegasse. Isso é anedota?

Não, não teve nada. A vantagem da *Veja*, nessa época, é que ela está se levantando. A *Veja* não tinha importância. Ela vai adquirindo importância exatamente nesses tempos. Mas ela vendeu quinhentos no primeiro, já tinha caído para quatorze mil e nessa época ela está começando o seu caminho. Então, ela não era uma inimiga para quem os militares olhassem muito. Eles olhavam mais para a *Realidade* que para a *Veja*.

Houve pressão dos militares depois disso para demitir jornalistas?

Não. Mas tinha censor lá dentro. Só pode publicar isso, não pode publicar aquilo.

Isso vai se manter durante quanto tempo? Até o final da ditadura? Durante o tempo que você esteve lá?

Sim. Durante o tempo em que eu estive lá, o tempo todo. O governo Médici é o governo mais autoritário de todo o ciclo da ditadura. Quando sai o Médici e entra o Geisel, ele começa a abrir aos pouquinhos, mas mesmo assim, quando o veio o AI-5, a redação quis entrar em greve e eu disse: “vamos entrar em greve por quê? Para não informar o público?”. Aí chegou um carro da polícia federal lá embaixo e voltou todo mundo para o trabalho, na mesma hora. Mas é aos pouquinhos. A *Veja* chega ao auge no governo Sarney.

A morte do Tancredo, aquela cobertura toda lá em...

É, tudo aquilo. Aquilo ali foi o auge, quer dizer, o governo Sarney que eu estou falando é Plano Cruzado. Todo mundo vendeu o que quis nessa época. Mas a *Veja* foi ganhando espaço aos pouquinhos. Depois da grande derrocada, os anos de 1969, 1970, 1971 foram anos de ela ir andando. E, com a entrada do Geisel, realmente a pressão diminuiu muito. Principalmente aqui no Rio. O Rio tinha um comandante do Geisel, ele é que tinha nomeado. Em São Paulo tinha aquele Ednardo [a'Ávila Mello, comandante do II Exército] ficou inteiramente embasbacado com a riqueza que os industriais ofereciam para ele e o chefe de Estado Maior dele, que a gente conhecia muito na *Veja*, pois o genro trabalhava revista, o [José Ramos] Tinhorão. Aí, de vez em quando, a gente conseguia falar com o Chefe de Estado Maior porque o Tinhorão levava a gente lá. O Tinhorão jamais teve um pensamento político na vida. O negócio dele era música popular.

E sobre esse momento de abertura política com o Geisel: a imprensa precisou de um tempo de adaptação, "bom, isso aqui a gente não podia dar, agora a gente já pode"?

Precisou. A primeira coisa que ela precisou foi quebrar um vício nascido em Brasília, do *off*. Porque o cara começou com negócio de informação em *off*, mas não é todo mundo que consegue informação em *off*. Então vinha em *off* plantação. Teve até outro episódio engraçado n' *O Globo* com isso. É que os políticos se acostumaram a fazer intrigas em *off* e os jornalistas publicarem intrigas em *off*. Nem sempre verdadeiras. Um dia, eu recebi um telegrama de Brasília escrito: "embargado para Agência *Globo*". Exclusivo nosso, dizendo: "o preço da gasolina sobe hoje para tal, tal, tal". E logo em seguida, então, a nota da Agência Nacional falando a mesma coisa. Quer dizer, o cara que deu isso para aquele repórter estava comprando o repórter para o futuro. E estava dando uma mentira. Este foi um passo: acabar com o *off*; foi um momento importantíssimo. Depois, quando veio a democracia, foi o denunciamento. Isso foi muito mais da *Veja*, por aí, que aí o seguinte: qualquer sujeito que tivesse um dossiê entregava ao jornal, à revista principalmente, e saía o denunciamento daquele troço. No fim de alguns meses não era nada. Mas a luta contra o *off* foi muito grande.

Depois da *Veja* você vai para *Domingo Ilustrado*?

É, lá eu fico três meses exatamente.

E nessa época quem é que dirigia a...

O Samuel [Wainer]. Nasceu e morreu na mão dele. O *Domingo Ilustrado* é uma tentativa de fazer um jornal dominical mais ou menos no estilo do *Flan*, que o Samuel teve lá nos anos 1950. Mas, o apelido que ela ganhou foi Arara, porque o Adolpho [Bloch] influía muito nela e queria fotografias grandes, bonitas, coloridas, vermelhas. Ele gostava muito do diretor da *Manchete*, porque ele botava bastante vermelho nas fotos. Mas a revista não tinha conteúdo, o jornal não tinha conteúdo. Eu não consegui nem organizar o que vai ser o primeiro caderno, o que vai ser segundo, o que ia ser o terceiro. Organizar as melhores matérias. Então, ele viveu e morreu... Acho que ele não circulou três meses. Eu, no dia em que ele circulou, já não estava mais lá.

Nesse período, a Bloch já estava em crise?

Não, não. A Bloch esteve sempre em crise. Mas, o Adolpho, vivo, sempre conseguiu um dinheiro aqui, um dinheiro ali. Ele ia se movimentando... A Bloch entra em crise final com a morte do Adolpho e a entrada do Jaquito [Pedro Jacques Kapeller], que acabou de liquidar com ela.

Como foi sua ida para *O Globo*?

Um dia o Luiz Lobo, que era editor de notícias - outro cargo que tinha lá - me chamou e disse que estava querendo uma pessoa para dividir com ele, quer dizer: que ficasse ele num expediente, o outro no outro. Aí eu disse: "pra mim está ótimo". Aí eu fui conversar. Ele me apresentou o doutor Rogério [Marinho]. - doutor Roberto estava viajando - que conversou comigo. Isso era setembro para outubro. Aí ele: "eu volto a lhe telefonar". E nunca mais ligou. Aí, um belo dia ele ligou. Eu me lembro dessas datas, porque era o dia do meu aniversário: quatro de novembro. Ele me ligou, pediu para ir lá, me mostrou as fichas todas que chegaram para ele do DOPS... E o doutor Roberto já tinha chegado de viagem, me chamou e disse: "você é um profissional, não é?" "Sou". "Então, manda admitir". (O doutor Roberto tinha percebido que a maioria dos itens da ficha era datado de depois que eu fui ao *O Globo*, quer dizer, depois que houve um zum-zum que eu iria para *O Globo*). Eu entrei em novembro. Era uma coisa muito difícil trabalhar n'*O Globo*. Tive problema assim, da gente não dar a mensagem que o Chagas mandou o aumento do funcionalismo. Eu fui reclamar, o cara disse: "não, *O Globo* não dá notícias sobre aumentos". Então, eu fui percebendo que *O Globo* tinha uma redação meio policial que ficava muito mais à direita do que o Roberto Marinho queria. E o Roberto Marinho estava percebendo que o jornal dele estava acabando. Quer dizer, o jornal dele não tinha venda na PUC. Tem até uma frase dele, anos depois, para mim, quando a gente lança o *Caderno de Vestibular*, e aquele monte de jovens, na

porta, no dia da edição extra, do resultado, ele até disse assim: “esse pessoal antes vinha aqui quebrar o jornal”. Aí eu entrei em novembro e confesso a você que com um mês e meio eu estava de saco totalmente lotado. E aí eu fui falar com o doutor Rogério: “Doutor Rogério...”. “Não, não. Fica aí que está vindo um novo diretor”. Que era o Evandro. O Evandro chegou em 1º de janeiro [de 1972] e aí começou-se a fazer a mexida do jornal.

Antes de o Evandro [Carlos de Andrade] entrar, quem está nessa redação de O Globo? Esse jornal aí, que está envelhecendo e que é tão à direita, era por conta de quem? Quem está aí nessa redação?

Vargas Júnior, Eli Ribeiro – eu acho, não lembro o nome dele agora, mas que está aí até hoje -, um cara ligado aos serviços secretos – também não estou lembrando o nome -, que trazia todas as fichas, levava todas as fichas. *O Globo* foi o único jornal que não teve [a notícia da] ida do brigadeiro Eduardo Gomes. O Brigadeiro foi ao Ministério da Aeronáutica brigar com o ministro, porque o ministro tinha expulsado aquele Macaco - capitão Sérgio Macaco. O único que não deu [a notícia] foi ele [o cara do serviço secreto]: “Eu não tenho que trazer notícia; eu, aqui, sou só um representante d’*O Globo*”. Eu falei com o doutor Roberto, que disse assim: “nomeia alguém para esse negócio”. E dois meses depois, mandou ele embora. Na redação, foram trocada trezentas e tantas pessoas. Tinha um que fazia o Ministério da Saúde. Era funcionário de lá. Um dia eu disse: “já avisei para ele sair do Ministério da Saúde”. Aí o Frejat foi falar, ele mandou uma carta ameaçando, dizendo assim: “eu conheço bem onde estão os comunistas e não vão fazer nada comigo”. Era uma bagunça. Uma mocinha que fazia o [caderno] Ela (não lembro o nome dessas pessoas) e era filha de um general, um dia, o doutor Roberto disse o seguinte: “você disse para aquela moça, perguntou se ela é filha de general e que você ia demitir...”, eu disse: “eu não sei nem quem é ela, doutor Roberto”. Tinha um clima muito pesado dentro do jornal. Eu não me lembro mais dessa gente, porque já não são mais jornalistas... Tinha o Ricardo Serran, que era um bom cara no esporte, mas ele achava que o esporte era um jornal à parte. Não se submetia à redação. Era querido do doutor Roberto. Ele era o único do jornal que figurava no expediente como secretário da redação, que ele também não era, era editor de Esportes. *O Globo* não tinha editoria de economia. Durante todo aquele avanço do Delfim nas bolsas, *O Globo* não publicava o resultado das bolsas. O Segundo Caderno era uma lástima. O Segundo Caderno pegava umas histórias que a Agência F vendia. “As amantes de Hitler em cinquenta e dois capítulos”. E tascava aquilo primeiro, cinquenta e dois seguidos e ia.

Quem lia esse jornal quando ele era assim?

O velho que se acostuma a ler. Assustava o doutor Roberto [Marinho] quando morria o chefe da casa, os filhos já não compravam mais *O Globo*. Essa era a questão. Uma vez, nós fizemos uma pesquisa: eu pequei o *Diário de Notícias* morto na mão do Olímpio de Campos, acabado, com quinze mil assinantes, quinze mil caras que tinham se acostumado a ler o *Diário de Notícias*. Então o problema do medo não era a pessoa que ia abandonar e ler outro. Eram as pessoas que quando morriam, os herdeiros não liam mais o jornal. O jornal não tinha venda na porta de faculdade, nem um exemplar. O público de *O Globo*, pela Marplan, de 1970, tinha envelhecido muito, era muito velho.

O que era ser editor de notícias?

Acho que era ser, na realidade, o chefe da reportagem. Porque o chefe de reportagem era, em geral, o Hélio Polícia, que era analfabeto e que falava na rádio: “positivo, vai pra lá”. Aí o cara mandava nas coisas que tinha que fazer. Quando eu fui chefe de redação, acabei com essa função. O chefe da reportagem é o que está sentado e operando. Mas, o editor de notícias é um cara que tem na imprensa norte-americana. Achavam isso muito bonito. A imprensa americana se divide entre o editor de notícias e o editor de telegramas. Como eles estão cagando para o mundo, tudo que entra por telegrama, pelas agências do mundo todo, é feito por um único cara e aquilo é do editor de telegrama. E o editor de notícias é o cara que manda na pauta, nas coisas de produção do jornal.

O Evandro [Carlos de Andrade] então entra no lugar do Alves Pinheiro, é isso?

Não. O Alves Pinheiro, àquela altura já tinha morrido. O Evandro entra no lugar do Moacyr Padilha. Eu não conheci o Moacyr Padilha, porque ele foi internado no dia que eu comecei. Não cheguei nem a ser apresentado a ele. Houve um cara – não me lembro o nome... cobria os militares... foi demitido pessoalmente pelo doutor Roberto. Doutor Roberto botou o Evandro, sabia que o Moacyr Padilha não retornava, ele tinha um câncer terminal, mas não ocupou a sala dele, deixou lá. E esse cara foi ao Moacyr Padilha e contou. Tanto que a missa de sétimo dia do Moacyr Padilha foi na Igreja de Santana às nove e às dez doutor Roberto demitiu o cara.

O que começa a mudar com a entrada do Evandro, então?

Tudo. Primeiro: salários, segundo: organização. *O Globo* não era organizado em editorias. Tinha uma seção de polícia que era um covil, e a gente acabou logo

depois. A polícia passou a ser editada pela cidade e, com isso, o editor se demitiu. Lançou a editoria de economia e foi-se tirando muita gente. Quer dizer, o Marcelo Beraba, falando comigo, disse: "eu não entendi o seguinte: você me chamou na tua sala, disse que meu salário passava a ser dez vezes maior". Mas essa foi a mexida, a primeira mexida. Era pegar os jovens que estavam ali e que já estavam em condições de serem os repórteres e parar de ser os bagrinhos daquela turma de cima. Todo mundo assim: "o Caban demitiu". Não demiti ninguém. Eu demiti muito pouca gente. É que no momento em que tirava do cara... Como é que se diz? "Você não vai mais no Ministério da Saúde, não. Vai ficar na redação para fazer matéria", ele se desinteressava e ia embora. Ele ganhava uma mixaria n'O *Globo*. O *Globo* tinha uma coisa tão absurda que – aliás, o [Carlos Heitor] Cony conta isso no livro dele com relação ao *Jornal do Brasil*, mas todos os outros jornais já tinham acabado com isso - o [repórter] setorista tinha vinte por cento de comissão sobre os editais que aqueles ministérios mandassem para *O Globo*. Era um negócio... E é uma coisa engraçada, porque o único sujeito d'O *Globo* que entendia isso era o doutor Roberto. O resto da diretoria estava felicíssima com setenta mil exemplares, ganhando um dinheirão para eles, naquele momento, mas eles não tinham capacidade de enxergar o que estava à frente daquilo. Aí começa. Sai o jornal de domingo, a gente faz o caderno de vestibular, começamos aos poucos a antecipar o jornal para ser um matutino. Essa fase termina com o logotipo subindo e ficando fixo lá em cima como eram os matutinos.

Por que a decisão de se tornar matutino?

Poder vender assinatura e entrar no classificado. E porque a vida na cidade já não permitia que os vespertinos chegassem aos pontos de venda rapidamente. Então, você tinha de fazer um vespertino praticamente como um matutino. Sete horas da manhã o jornal já tinha de estar fechado para o jornal chegar nos locais ao meio dia. E era uma experiência no mundo todo. Havia uma grande discussão. Os americanos começaram a fazer vespertinos e fracassaram depois, porque eles vendiam exclusivamente nos pontos de pedágio, às seis horas da tarde, com o noticiário que a televisão ia dar quando o cara chegasse em casa. Mas, isso também fracassou. Vespertinos hoje eu só conheço mesmo os tablóides de Londres - e que não são vespertinos também não. Eles estão circulando de manhã.

Quando jornal se torna matutino e entram os classificados, aí de fato começa a briga com o JB?

Começa. O problema é mais complicado que isso. O *JB* comete uma série de erros que o vai levando para o atraso. Estávamos todos nós, *O Globo* e o *JB* com

problema de máquina. O doutor Roberto foi a um congresso da Associação Americana de Jornais, um congresso tecnológico, e quando voltou, mandou constituir uma comissão para tratar de renovação tecnológica de *O Globo*, que incluía o comercial e a redação. Os caras do industrial não gostaram nada disso e eles eram os caras que comandavam. E, na primeira viagem que eu fui, eu visitei o AMT [Association for Manufacturing Technology] e o cara do AMT disse para mim uma coisa muito engraçada: "O industrial vai recuar para rotativa e todo o resto do processo vai ficar com a redação. Bota isso na cabeça de vocês se quiserem fazer uma reforma". Aqui havia uma grande reação à computadorização das redações. Levei vaias enormes na ABI por causa disso. Havia realmente um problema no mundo: era *prepress* ou *off set*? Eu vi, em Las Vegas, o [Nascimento] Brito decidindo para o *Jornal do Brasil*. Ele disse: "o que o *New York Times* tem?". "Tem *letter press*". "Compra *letter press*". Eu vi aqueles computadores, que eu também não comprei, mas tinha leitoras óticas, era um avanço, com composição a frio. O Brito: "Aqueles crioulos não vão conseguir mexer em nada disso. Compra linotipo". Ali foi o grande baque. Ele comprou uma rotativa velha, pagando como nova, e comprou trinta e seis rotativas novas que ele teve de se desfazer menos de dois anos depois como sucata. E construiu um prédio caro e inadequado num lugar caro e inadequado.

Em que ano foi isso?

Anos 1970. Nós resolvemos ficar. Compramos leitoras óticas, mas já começamos a fazer pouquinho. A primeira foto-compositora que eu comprei fazia vinte linhas por minuto. A terceira fazia quinhentas linhas por minuto. E aquele negócio foi avançando e o *Jornal do Brasil* não conseguia avançar. Então, passou a ser um jornal sujo. E ali você tinha outro problema, que era a morte da condessa. Aí o Brito assume mesmo. Ele só se referia ao doutor Roberto [Marinho] como "aquele crioulo". Durante o ano em que eu trabalhei lá, o mundo dele se dividia entre viado e crioulo, a redação do *JB*. Viado, puta e crioulo. Eu deixava pra lá, porque ele já estava meio gagá àquela altura do campeonato, paralisado de uma coisa e não mandava em nada. Aquilo que ele falava, não falava, era a mesmíssima coisa. Foi o que o Zé Antônio [do Nascimento Brito] combinou comigo na chegada. Mas aí foi metendo os pés pelas mãos. O maior anunciante do *Jornal do Brasil* era a Sérgio Dourado. O Brito nunca recebeu o Sérgio Dourado no gabinete dele. Doutor Roberto ia à festa de jornaleiro. Nesse momento, também *O Globo* adota uma posição de noticiário distante das coisas, deixa de ser um jornal de partido e começa a ser aceito mais pela... no dia em que eu saí da Bloch para *O Globo*, a Maria Lúcia Costa me disse: "no dia em que você me ver sentada n' *O Globo* é

porque eu estou morrendo de fome". Vinte anos depois ela me pediu um emprego n'O *Globo*. Eu disse essa frase a ela. Ela nunca mais me procurou.

Então, O *Globo* consegue reverter...

Mas os classificados levam dez anos. Então, eu digo o seguinte, houve uma estratégia certa de *O Globo* e uma entrega por parte do *Jornal do Brasil*. Morre a condessa, o Brito traz um filho, depois esse filho briga, vai outro filho, vem um outro filho, a filha, enfim, aquilo vira uma grande confusão. E *O Globo* com um comando na mão do doutor Roberto. E ninguém da família do doutor Roberto chegava na garagem, pedia um carro da reportagem sem antes pedir ao chefe da reportagem. Isso não foi no *Jornal do Brasil*, mas foi nos [Diários] Associados: nenhum diretor chegava num caixa e sacava um vale. Não tinha isso. Aliás, o Marcelo Pontes uma vez me pegou de mau humor lá *Jornal do Brasil* e disse assim: "Estão faltando copinhos na redação para o pessoal tomar água". Eu disse: "Você sabe por que o negócio é assim? Porque até 1992, n'O *Globo* se limpava a bunda com jornal. Era jornal que tinha lá no banheiro. E vocês ficam mergulhados até aqui de dívidas e falando no copinho que está faltando. Não bebe água, pô. Não pode botar a boca lá no bebedouro?". Depois ele veio até me pedir desculpa. Eu não posso... Quer dizer, eu chego no nono andar e digo: "vamos fechar o nono andar, porque aqui tem um restaurante, a sala do Brito e a sala do Zé Antônio. Se fechar isso, tem tanto de lucro por mês". Aí o Brito disse assim: "Não. O meu restaurante especial não pode fechar". Então, não tem solução aquilo. Doutor Roberto comia no restaurante dos funcionários lá em baixo, conhecido como lixão.

Na década de 1970, O *Globo* vai lançar vários cadernos e suplementos também, não é? *Jornal da Família*...

Jornal da Família é junto com a edição de domingo. A edição de domingo lança *Jornal da Família*, *Globinho*, super colorido, o Segundo Caderno fica. É isso.

Você lembra se imediatamente tem um impacto aí na vendagem do jornal?

Não. Tivemos uma reunião em que o diretor financeiro, Artur de Almeida, disse assim: "vamos fechar essa edição de domingo enquanto dá tempo". E me lembro do doutor Roberto dando-lhe um esculacho absoluto. A direção do jornal, tirando doutor Roberto, era contra a edição de domingo. Na realidade quando *O Globo* lançou a edição de domingo, não tinha máquina para isso. Quando a gente começou a melhorar a venda do jornal, o *Jornal da Família* fechava na terça-feira e rodava na quarta, porque não tinha máquina para rodar. O jornal não suportava. *O Globo* tinha máquina para rodar cem mil exemplares de um jornal de vinte e quatro

páginas, não mais do que isso. Aliás, outra coisa que sobrecarregou a máquina é que nós acabamos com a edição nacional, porque senão, não teria. O que ia para fora do Rio era fechado quarenta e oito horas antes, é um jornalzinho de oito páginas que era uma vergonha. Se você fosse no Rio Grande do Sul e dissesse que *O Globo* vende mais que o *Jornal do Brasil*, o cara gargalhava. O cara dizia que você estava mentindo. Então, um dia, o doutor Roberto foi passar uma semana em Brasília e nós, de propósito, não mandamos o malote dele. Na hora em que ele voltou, ele acabou com a edição nacional. Aí nós passamos a mandar o jornal todo para todos os lugares.

Quando se investe em novas máquinas já é *off set*?

A máquina já é *off set*. Nós tínhamos doze unidades. Eram dezoito unidades de *off set* Goss. A Rockwell, que era a grande vendedora de máquina no Brasil, quebrou a cara. Fez uma *off set*, vendeu para o *Estado* e não funcionou. Então, a Rockwell naquela época foi vendida para MAN, a alemã que hoje é a grande fabricantes de máquinas. Mas a Goss era absoluta no mercado. Ou você tinha as máquinas Goss Metroline ou você tinha máquinas pequenas que eram representadas pela Mesbla. *O Globo* comprou essa máquina, comprou leitoras óticas e, em 1982, a gente começou a olhar para computador, ainda muito esnobado por eles lá [no JB].

Conta como foi o processo de informatização de *O Globo*.

Bom, constituída essa comissão, nós fomos procurar computador. O computador tinha alguns problemas naquele momento. O primeiro deles: precisava de ambientes super bem refrigerados. Era uma coisa ainda complexa naquele tempo. E o segundo ponto é que os computadores não acentuavam. Como o mercado americano estava completamente lotado de pedidos da imprensa americana e da imprensa inglesa, eles praticamente não falavam com a gente. Eles falavam: "um dia a gente vai resolver isso". Naquele primeiro momento, a gente tomou a decisão de sair para composição fria. Compramos uma máquina chamada Nape, que você tinha um problema: no processo, você tinha a rama, pressionava o flan e fazia uma telha curva para poder entrar na máquina. Como fazer isso com composição fria? Aí, inventaram essa máquina Nape, que fotografava a página e fazia uma telha fina. A máquina recebeu células em todas as coisas e aquelas telhas eram atarraxadas ali. Era um processo complicado, mas ganhamos todo o tempo no fim da linotipo, porque um linotipista eletrônico bom fazia três linhas por minuto. Então, nós começamos cada vez uma página. *O Globo* começou a fazer acordos com linotipistas, mandando linotipista embora... Teve até acordos muito engraçados, de gente que disse: "o meu acordo é o seguinte: quero a minha

cadeira e poder vir aqui todos os dias, que eu não agüento minha mulher em casa". Mas, esperamos mais uns anos e aí sim, o mercado americano lotou, os caras começaram a olhar para o mercado hispânico primeiro, mas aí já tinham que arranjar c cedilha, acento, essas coisas todas e começar a fabricar uns computadores com terminais burros. Os terminais não tinham importância onde eles estavam, porque, na realidade, eram ligados por um fio na CPD e a CPD tem que ser toda refrigerada, toda arrumada. E assim, começamos a tratar do assunto. E a reação da classe era uma reação negativa. Eu fui numa conferência que eu não consegui falar, no fim de 1982. Era eu, o Nilson Lage e [Alberto] Dines. O Nilson Lage disse que o computador cegava e Dines dizia que o computador ia demitir todo jornalista, porque ele mesmo ia escrever. Eu dizia assim: "nem o computador cega e o computador é burro, só faz o que você manda. Se você não tiver atrás um cara mandando ele fazer, ele não faz, não tem solução. A não ser em tarefas contínuas. Se você quiser publicar o mesmo jornal todo dia, realmente você pode mandar todo mundo embora, pois o computador repete aquilo tranquilamente". E o David Fitchel encheu aquele auditório de estudante. Eu disse: "Estou vendo que a maioria de vocês é estudante. Então, eu queria dar só um conselho: aprendam a lidar com o computador, senão vocês estão desempregados. E vocês sabem por quê?" - isso já debaixo de vaia - "porque nenhuma fábrica mais está fabricando linotipo, não tem, o chumbo acabou". Eu até guardei, pouco tempo atrás eu joguei fora o jornalzinho do dia seguinte. "Desmoralizado o computador". Quando o Milton Coelho, há pouco tempo, veio me dizer que o Nilson Lage o tinha convidado para o gabinete do Roberto Amaral, que foi ministro da Ciência e Tecnologia, eu disse: "O Nilson já chega perto de um computador?". O Dines, não. O Dines me pediu desculpas públicas num curso da Abril, em São Paulo, em que ele disse: "eu fui muito contra, mas hoje eu não vivo sem o computador". E olha, foi introduzido nas redações com mais facilidade do que quando as máquinas datilográficas substituíram a caneta.

Fala um pouco do Evandro [Carlos de Andrade]. Como é ele era?

Um intelectual muito bem preparado, escrevia muito bem, tinha um comando, uma voz muito boa e que se transformou no meu melhor amigo. Eu não conhecia o Evandro antes de ele ir para *O Globo*. É possível eu ter cruzado com ele no corredor da *Veja*, pois ele fazia coisas para a *Veja* quando ainda estava em Brasília. Mas, foi um cara maravilhoso, o condutor de todo esse processo que resultou n'O *Globo* assumindo a liderança total do mercado carioca.

Em que ano *O Globo* assumiu o mercado carioca? Você se lembra exatamente?

1985, 1986, *O Globo* já estava na liderança. Eu saí em 1986 para ir para a *Veja*, por um ano, para conversar com eles sobre informatização, exatamente. E volto em seis meses, porque o meu saco estava cheio. Tinha um filho do Roberto Civita que disse que ia fazer com os Macintosh da Freguesia do Ó. Eu disse: "Roberto, em primeiro lugar, ele não vai fazer com os macintosh da Freguesia do Ó, porque esses macintosh não vão existir. A Apple acaba de designar 23 milhões de dólares para destruir essa fábrica aqui do Brasil. Segundo: agora, a Apple está fabricando um macintosh quatro gerações a frente. Em terceiro, macintosh é uma máquina que não se comunica. Então, não dá para fazer com ele". E aí disse a ele: "eu queria ir embora, não quero mais ficar". Ele foi muito gentil comigo, me deu o carro que eu tinha ganhado.

Por que sempre se falou tanto que sua dobradinha com o Evandro era "um mata e o outro esfolava"?

Não, os dois só matavam, ninguém esfolava ali. A minha dobradinha com o Evandro, que o pessoal não sabe, o Evandro chegava de manhã com o jornal todo riscado e com a lista de pessoas que tinham que ser mandadas embora. E eu ficava lá na sala até a hora do almoço, dizendo: "não, não vamos entrar... não". Aí não ia ninguém embora. O problema é que chegamos a um momento de negócio de perseguição de esquerda. Não tinha perseguição de esquerda nenhuma, o cara simplesmente foi demitido, porque era vagabundo, não queria trabalhar. Então, as demissões iniciais foram grandes, quando se trocou a equipe, mas depois disso não. Era uma coisa séria, o que eu acho que está faltando hoje em redação. Eu só percebi que nós tínhamos feito uma coisa séria, quando eu fui para o *Jornal do Brasil* e vi a situação de vinte e cinco anos antes, da indisciplina, da falta de tudo ali dentro.

Como era sua relação e do Evandro com o doutor Roberto?

Era mais a do Evandro, mas o doutor Roberto me chamava todo dia. A sala dele estava no fundo da redação e, um dia, resolveu botar um chefe de gabinete. Aí, um dia, ele me chamou. (A redação tinha uma entrada direto na sala dele, não passava pela sala de espera). Então, ele disse: "por que você não vem aqui há quatro dias?". "O seu chefe de gabinete disse que eu tenho de falar com ele agora". "Não, você passa a entrar por aqui" e mandou o cara embora.

Como você descreveria o doutor Roberto?

Eu descreveria como um gênio, mas não um gênio empresarial. A maior qualidade dele era saber escolher gente. Quem fez a *TV Globo* foi [Joseph] Wallace, no financeiro, foi o Boni [José Bonifácio de Oliveira Sobrinho], foi o Walter Clark. O doutor Roberto não sabe nada de televisão. E as outras coisas que ele fez foram as mesmas coisas, sempre contratando gente, sempre numa posição ponderada. O doutor Roberto era PSD [Partido Social Democrata] puro, ele estava sempre tentando ter uma posição ponderada. Nunca disse: "vamos demitir o fulano". Dizia: "acho que vamos perder o companheiro". Era a chave para ele que o cara estava morto. Eu nunca vi o doutor Roberto levantar a voz na redação. E diziam que quanto mais baixo ele falava, pior era. Enfim, o doutor Roberto foi o último capitão de imprensa. Teve o Chateaubriand, o Orlando Dantas, teve muita gente e não tem sucessão à altura dele.

Quería perguntar, ainda, sobre algumas coberturas que você acompanhou e que são importantes na história do jornalismo. Por exemplo, a cobertura do atentado do Riocentro. O que foi essa cobertura? Você já estava n' *O Globo*...

Eu comprei um filme de um médico que fotografou o major lá dentro. Esse médico foi demitido pelo Chagas Freitas. Eu fui ao Miro Teixeira e disse: "tem que readmitir essa cara", ele disse: "não". Eles não readmitiram. Esse médico está hoje muito bem de vida, mora em Goiás, dirige um hospital, o pai dele era rico e tudo mais. Mas, essa foi a coisa marcante da cobertura do Riocentro. Até, perdoe, não comprei, não. Convencemos ele a entrar na sala de operações e fotografar o major. Ele não levou dinheiro nesse negócio, não.

Mas é um momento em que há muita pressão. A *TV Globo*, por exemplo, ficou praticamente sitiada para não dar as notícias. E no jornal, como foi?

No jornal não teve nada, porque o Governo estava rachado.

Foi o [Marcelo] Beraba quem pegou o filme com ele, não foi?

Eu não tô me lembrando direito, mas acho que sim.

Foi, foi o Beraba.

Naquele momento, o governo já estava rachado. O Golbery queria apuração de tudo. O primeiro cara a ser nomeado para o inquérito também. Ele é demitido, vem aquele outro coronel - que virou um general de merda de hoje, não conseguiu nada na vida -, mas não havia pressão. Quer dizer, não havia pressão por causa disso, aquela coisa que havia antes: "não pode dar notícia nenhuma sobre coisa

nenhuma”, até porque, naquela altura do campeonato, tinham parado os bilhetinhos para a redação e de coisas que nós acabávamos tomando conhecimento pelo bilhetinho. Eu soube que o [Leon] Perez, governador do Paraná, tinha sido deposto, porque a censura chegou com um bilhetinho, dizendo que não podia publicar nada a respeito da saída dele do governo. E aí cobrimos normalmente, com muita cautela. O nosso negócio era não deixar a juventude esquerdista da redação levar a cobertura a um outro extremo. O negócio era equilibrar a cobertura. E fomos muito bem, não tivemos...

E o doutor Roberto, que era tão bem relacionado, com acesso aos políticos influentes, passava informação para o jornal?

Em código, em código.

Como assim?

Cada hora ele dava uma ordem. E você dizia: “sim”. Vou contar um episódio dele, que é a coisa mais pueril. Morreu o doutor Ricardo Marinho. Ele estava em Angra e eu estava fechando o jornal. Eu disse: “sobre essa morte, eu queria ver como a gente dá, como a gente não dá”. Ele disse assim: “foi um grande intelectual, presidente da Cultura Inglesa a vida toda”. Aí, eu senti que era meia página falando da vida intelectual dele. Eu disse: “ele está na primeira página, no expediente”. “Vai tirando discretamente”. Como? Eu não sabia... Mas, as conversas dele eram metáforas. Sempre. Não chegava para você e dizia: “dá isso, dá aquilo”. Havia coisas que ele sabia e passava para a redação.

Você lembra de algum episódio?

Não. Ele passava para o Evandro. Não ia no repórter, em mim, nem nada. Ia conversar com Evandro: “Acho que a gente deve fazer uma matéria sobre isso, porque pode acontecer aquilo”. Então, a gente via que ele estava sabendo de alguma coisa. Por exemplo, na eleição do Tancredo. No dia do último Comício pelas Diretas, eu estava em Belo Horizonte, com um jantar marcado com o Tancredo. Tancredo fez o discurso dele em São Paulo, foi para lá. Quando eu cheguei no Rio, eu procurei o filho do Leônidas [Pires Gonçalves], que estava na TV Globo, e disse: “Tancredo é candidato. Se eleito, teu pai é Ministro”. Porque assim que nós começamos a falar de militar e eu disse: “e o Leônidas?”. Ele [Roberto Marinho]: “guardem bem esse nome. O Rodrigo Mineiro, que era o diretor da sucursal de Minas, disse: “aqui está cheio de prefeitura, de coisa, querendo fazer mensagem de saudação ao doutor Tancredo”. Estava muito claro que o Tancredo ia ganhar. Aí eu voltei ao Rio e disse: “a gente pode fazer um caderno especial”. O Evandro foi ao

doutor Roberto, que disse: "tá, mas faz no dia da eleição". Aí, mostrava o apoio dele ao Tancredo naquela circunstância. Ou, então, para dizer: "dá o Médici lá dentro". Mas, nunca, assim, coisa muito direta, não.

E o escândalo da ProConsult? Em que medida afetou a imagem do jornal?

O escândalo da Proconsult é uma farsa. Na realidade, o que aconteceu de fato é que a Proconsult passou a atrasar - não a Proconsult, mas o próprio Tribunal - a apuração no Rio de Janeiro. *O Globo* tinha uma equipe montada apurando e, portanto, com a apuração do interior muito mais rápida. O Walter Fontoura descobre que o chefe do CPD [Centro de Processamento de Dados] deles está ligado ao negócio da Marinha, que é de onde vinha toda informação. Demite o cara e abandona a apuração da eleição. Confesso que foi um erro meu: também devia ter abandonado, deixado pra lá. Mas, eu resolvi fazer outra coisa. A partir daquele dia, a gente dava o resultado apurado e dava a projeção, que, em todos os níveis, indicava que o eleito ia ser o Brizola, pelas projeções do percentual de voto em cada região. O Brizola espertamente aproveitou aquele episódio para esculhambar a *TV Globo*. E eu acho que *O Globo* não teve capacidade de responder ao Brizola. Se você pegar o *Diário Oficial* da época agora, você vê que o acompanhamento da publicação, urna por urna. No *Diário Oficial* você acompanha direitinho a apuração d'*O Globo*. Só que o *Diário Oficial* não fazia projeção. Mas, não afetou nada em venda, em coisa nenhuma.

Como você avalia a participação do jornal na cobertura das Diretas?

O jornal começou a cobrir timidamente as Diretas. No dia do Comício [do Rio de Janeiro], fizeram as medidas e tinha toda uma celeuma, "tem um milhão, não tem um milhão". A *TV Globo* embarca nisso, um milhão de pessoas naquele comício é criação da *TV Globo*. Aí é que dá uma manchete: "Rio tem a maior manifestação política da sua história". E os caras reclamam, porque não botou um milhão. Isso foi mais coisa do Hélio Fernandes. Mas ali a gente cobria normalmente, sem apostar para lado nenhum. Tínhamos um problema que era a consciência do doutor Roberto de que não ia sair Direta nenhuma. Aliás, o Tancredo tinha a mesma compreensão. Só que ele achava - o doutor Roberto nunca conversou com ele sobre isso - que aquela campanha, aquilo tudo, tornava um fato irreversível a destruição da ARENA e a vitória do Tancredo numa eleição pelo Congresso Nacional.

Caban, você acha que o jornal também embarcou na história do caçador de marajás, na época da eleição do [Fernando] Collor?

Sim, mas o doutor Roberto tinha horror ao Collor. Eu sabia quem era o Collor e o Merval [Pereira] tinha estudado com ele. Mas, eu acho que ali foi um marketing muito bem feito dele. O candidato do doutor Roberto Marinho chamava-se Mário Covas. Eu sei, porque, dentro do negócio de metáforas dele, um dia ele me ligou e disse assim: "Caban, o Mário Covas vai fazer hoje um discurso no Senado sobre a situação do Brasil. Eu acho muitíssimo importante, muito importante mesmo". Bom, é o candidato dele. Aí o Mário Covas faz um discurso de bosta no Senado. Ele me liga e diz: "esquece aquilo que eu disse". E começa pessoalmente a trabalhar pelo [Orestes] Quéricia. Mas, quem é que não queria o Quéricia? Ele teve de renunciar ao governo de São Paulo e seu vice, o Almino Alfonso, era inimigo dele àquela altura. O Quéricia não teve colhão para ir naquilo. Aí não teve jeito. Ele, como todos os empresários, embarcaram no Collor. Quando se dividiu Collor ou Lula ou Brizola aí não tinha mais papo. Eles achavam que o Lula era um cara que ia fazer alguma coisa. Mas, o candidato dele, primeiro, era o Covas, depois era o Quéricia. E a relação dele com o Collor não foi uma boa relação. E é injusto até o negócio que se atribui ao Alberico, de que ele editou. A edição do debate refletiu o debate. O Collor ganhou o debate. O Lula ficou com o rabo entre as pernas por causa de um diabo de um aparelho de som que ele tinha importado, comprado ou deram para ele - alguma coisa assim - e Collor passou o tempo todo com uma pasta debaixo do braço, olhando para o Lula e o Lula acuado. Ele ganhou aquela coisa. O Lula perdeu a eleição naquele debate, não perdeu a eleição depois.

E a cobertura do impeachment [do Collor]? Qual a sua avaliação de como a imprensa se portou ali naquele momento?

A imprensa foi a favor do impeachment o tempo todo. Aliás, a imprensa, junto com aquele motorista, é a responsável pelo impeachment do Collor. Porque o problema também é que o Collor, do alto do egocentrismo dele, não procurou conversa nem abertura com nenhum jornal, com nenhum órgão de imprensa, coisa nenhuma.

Qual a sua opinião sobre um projeto como esse, que tenta resgatar a memória do jornalismo?

Eu acho muito importante. Achei que a Fundação Getulio Vargas, quando começou a fazer, ia chegar a isso, mas eles não tiveram fôlego. Publicaram um livro, que é um bom livro, também, mas muito pouco em torno de um projeto de memória. Eu acho que o que precisa é ver como é que vocês vão editar isso depois. Para ficar palatável para o público, para estudantes, para essa gente que vai ter que me ouvir falando duas horas e meia sobre um tema só. Mas acho muito interessante.